

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT

Rafa Neddermeyer - Agência Brasil



Comsefaz busca equidade com o produto interno

Alíquota do ICMS sobre compras externas vai a 20%

A alíquota do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) incidente sobre compras internacionais aumenta de 17% para 20%, a partir desta terça-feira (1º), em dez estados.

A medida foi aprovada pelo Comitê Nacional de Secretários de Fazenda, Finanças, Receita ou Tributação dos Estados e do Distrito Federal (Comsefaz) em dezembro do ano

passado.

Caberá a cada estado decidir se aprova, ou não, o aumento.

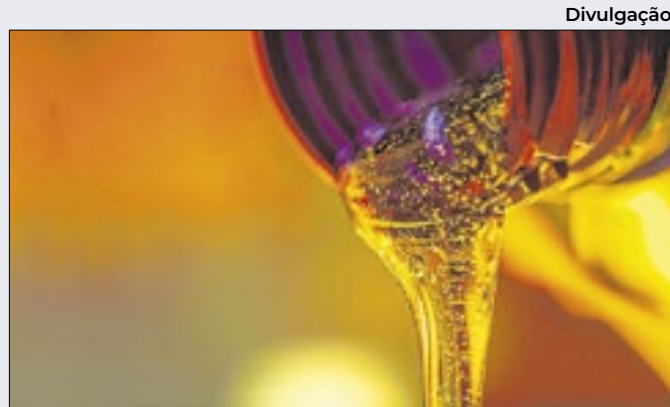
Dessa forma, a alíquota será aumentada nos estados do Acre, de Alagoas, da Bahia, do Ceará, de Minas Gerais, da Paraíba, do Piauí, do Rio Grande do Norte, de Roraima e de Sergipe. Na prática, a medida deve impactar compras feitas em sites internacionais.

Argumento

Como argumento para a elevação, o Comsefaz explicou que a nova alíquota visa 'alinhar' o tratamento tributário aplicado às importações aquele usado para os bens vendidos internamente, de maneira a criar "condições mais equilibradas para a produção e o comércio locais".

Isonomia

"O objetivo é garantir a isonomia competitiva entre produtos importados e nacionais, em que os estados buscam fortalecer o setor produtivo interno e ampliar empregos, ante à concorrência crescente com plataformas de comércio eletrônico", disse o comitê.



Divulgação

Redução do preço do derivado é a primeira do ano

Preço do óleo diesel A cai 4,6%, a partir desta terça-feira (1º)

A partir dessa terça-feira (1º) passa a valer a redução de 4,6% (R\$ 0,17 por litro) no preço do óleo diesel A – usado na produção do óleo para o consumidor final – conforme anunciou, nessa segunda-feira (31), a presidente da Petrobras, Magda Chambriard, durante o lançamento de um programa para aquisição de crédito de carbono, na

sede da companhia, no Rio de Janeiro. Petrobras. Segundo a petroleira, com a mistura obrigatória de 86% de diesel A e 14% de biodiesel para composição do diesel B vendido nos postos, a parcela da Petrobras no preço ao consumidor passará a ser de R\$ 3,05/litro, uma redução de R\$ 0,15 a cada litro de diesel B.

Mais barato

A petroleira revelou que, com o novo preço de abril, o litro do diesel ficou R\$ 0,94 mais barato, o que representa recuo de 20,9%, desde dezembro de 2022, quando houve transição de governo. Tomando por base a inflação do período, houve queda de 29% do insumo.

Defesa

Ao defender a atual política de preços da companhia, Magda Chambriard classificou a atual política como "abrasileiramento" de valores, levando em conta fatores como o custo da produção de petróleo no Brasil e a participação da Petrobras no mercado consumidor.

Estreia

A Escola de Governo e Desenvolvimento Maria da Conceição Tavares (parceria entre BNDES e Cepal) abriu, nessa segunda-feira (31), as inscrições para a 1ª turma de capacitação em desenvolvimento econômico, social e ambiental do Brasil e dos países da América Latina.

Equidade

Ao todo, serão ofertadas 60 vagas (30 para brasileiros e 30 para latino-americanos). As inscrições devem ser feitas no site da escola até o dia 25 de abril. Podem participar servidores ou ex-servidores de bancos públicos de desenvolvimento do Brasil e da América Latina.

Focus 'estabiliza' IPCA para 2025, ante juros 'escaldantes'

Antes que sinalizar fim da carestia, parada revela aperto do BC

Por Marcello Sigwalt

Após 'ratar' em 'microcópicas' reduções a projeção do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), índice oficial de inflação, para este ano, o boletim Focus – consulta semanal do Banco Central (BC) às 100 maiores instituições financeiras nacionais – optou pela estabilidade, ao mantê-la em 5,65%, o mesmo valendo para 2026, em 4,5%. Para 2027 e 2028, a previsão permaneceu em 4% e 3,78%, respectivamente.

Denunciando sem explicitar, o efeito 'funesto' do aperto monetário – com a assunção, de 13,25% ao ano para 14,25% ao ano, da Selic (taxa básica de juros), a banca 'confessou' o sacrifício monetarista imposto à economia, ao reduzir, pela segunda vez seguida, a estimativa do PIB, agora de 1,98% para 1,97%. Como consolação, para um 'horizonte já não tão relevante' (afinal, a eleição já está aí), a 'aposta' para 2026 se manteve em 1,60%, mas subiu de 1,99% para 2,00% para 2027.



IBGE

Mercado 'estabiliza' projeção da inflação, até porque os juros vão continuar subindo

Mesmo faltando apenas 0,75 ponto percentual e com novo reajuste da Selic na mira, o mercado financeiro, de forma monolítica, mantém 'à forceps' o prognóstico de 15% ao ano para a taxa básica ao cabo deste ano. A mesma receita tecnocrática vale para 2026, que deverá encerrar a 12,50% no fim do ano.

No plano do comércio ex-

terior, outro exemplo de 'perda de fôlego' da economia, uma vez que a previsão para o superávit da balança comercial (resultado do total de exportações menos as importações) em 2025, a caiu de US\$ 76,7 bilhões para US\$ 75,4 bilhões. Para 2026, este continuou em US\$ 79,2 bilhões.

No plano cambial, o dólar

projetado para o fim de 2025 recuou de R\$ 5,98 para R\$ 5,95. Para o fim de 2026, a estimativa continuou em R\$ 6.

Fator vital para que o país mantenha sua capacidade de cobrir o déficit de transações correntes, o investimento estrangeiro deste ano estabilizou em US\$ 70 bilhões, mas recuou para US\$ 70 bi para 2026.

Temor de tarifaço derruba a bolsa: -1,25%

O Ibovespa retrocedeu à casa dos 130 mil pontos nesta primeira sessão da semana, com a cautela externa em torno da quarta-feira (2), tratada como o "Dia da Libertação" pelo governo norte-americano de Donald Trump, em referência às tarifas recíprocas prometidas nos Estados Unidos para a data.

Aqui, o índice da B3 chegou a recuperar a marca dos 131 mil no meio da tarde, sem força para sustentá-la no fecha-

mento, em baixa de 1,25%, a 130.259,54 pontos.

Nesta segunda-feira, 31, oscilou dos 130.114,96 aos 131.900,92 pontos, saindo de abertura em nível quase idêntico ao da máxima, então a 131.900,00. O giro financeiro foi a R\$ 20,5 bilhões na última sessão do mês.

Com o desempenho desta segunda-feira, o Ibovespa limitou o ganho de março a 6,08%, não superando, dessa forma,

a leitura de agosto passado, quando avançou 6,54% e estabeleceu a mais recente máxima histórica, na casa de 137 mil pontos.

Até sexta-feira, o índice da B3, em alta superior a 7%, parecia a caminho de seu melhor desempenho desde novembro de 2023, com ganho de 12,54% naquele mês.

Em fevereiro, o Ibovespa teve perda de 2,64%, após progressão de 4,86% em janeiro –

que havia sido, até então, o melhor desempenho mensal desde o avanço de agosto passado. No agregado em 2025, o índice subia 2,09% – e agora a conta chega a 8,29%.

Em dólar, encerrou o segundo mês do ano a 20.756,06 pontos, com o dólar a R\$ 5,9163.

Agora, com o dólar à vista a R\$ 5,7053 no fechamento de março, recuando 3,57% no mês, o índice da B3 agora se recuperando a 22.831,32.

CNI: confiança tem recuo em 19 setores

Agência de notícias da indústria

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) Setorial caiu em 19 de 29 setores, na passagem entre fevereiro e março, revela levantamento divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), nesta segunda-feira (31).

Com isso, cinco segmentos da indústria migraram de um estado de confiança para um estado de falta de confiança: veículos automotores; impressão e reprodução; calçados e suas partes; couros e artefatos de couro e biocombustíveis.

Em dez setores, o ICEI subiu, o que fez com que três deles passassem de um estado de falta de confiança para um estado de confiança.

São eles: Equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos; Máquinas e materiais elétricos; e Obras de infraestrutura. Dessa forma, o número de setores industriais confiantes caiu de dez em fevereiro, para



Cinco setores migraram para estado de falta de confiança

oito em março, enquanto o de setores com falta de confiança subiu de 18 para 21.

Entre as pequenas empresas, o índice de confiança caiu 1,0 ponto em março, não mudou entre as médias empresas e ficou praticamente estável entre as grandes, com ligeira que-

da de 0,2 ponto. Dessa forma, seguem com falta de confiança as indústrias de pequeno e médio porte, enquanto o indicador ficou praticamente estável (- 0,2 ponto) nas de grande porte, com 50,3 pontos, o que demonstra otimismo dos empresários.

No cenário por porte, o ICEI caiu um ponto entre as pequenas indústrias, passando de 47,5 pontos para 46,5 pontos.

Isso significa que o pessimismo desses empresários aumentou. Também há falta de confiança entre os empresários das médias empresas, uma vez que o índice permaneceu em 48,7 pontos, abaixo da linha divisória de 50 pontos.

Já no recorte por região geográfica, a confiança da indústria caiu no Sul (- 1,3 ponto) e no Nordeste (- 1,2 ponto); não mudou no Sudeste e aumentou nas empresas do Norte (+ 2,3 pontos) e do Centro-Oeste (+ 0,9 ponto).

O levantamento revela ainda que, por região, a confiança da indústria caiu no Sul (-1,3 ponto) e Nordeste (-1,2 ponto), ficou estável no Sudeste e subiu no Centro-Oeste (+0,9 ponto) e Norte (+2,3 pontos).

Volatilidade externa 'detona' juros futuros

Os juros futuros recuaram nesta segunda-feira (31), refletindo um movimento de correção das altas recentes, estimulado pelo ambiente externo dominado pelos receios sobre a guerra tarifária, pela leitura benigna das medianas de IPCA na pesquisa Focus e por declarações do diretor de Política Monetária do Banco Central, Nilton David. À tarde, o maior alívio no câmbio deu gás extra ao ajuste das taxas.

O contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 fechou com taxa de 15,015%, de 15,118% no ajuste de sexta-feira, e o DI para janeiro de 2027, taxa de 14,93% (15,05% no ajuste anterior). A taxa do DI para janeiro de 2029 caía de 14,79% para 14,71%. No mês, a curva perdeu inclinação, com alta da ponta curta e queda na longa. No balanço do primeiro trimestre, todas as taxas recuaram, com destaque

para o trecho intermediário.

As taxas curtas e interdiárias foram as que mostraram queda mais firme e regular. As longas estiveram à mercê da curva americana, que mostrou volatilidade durante o dia.

Os mercados, de forma geral, passaram o dia acudados pela incerteza em relação à guerra tarifária imposta pelo presidente dos EUA, Donald Trump, dada a proximidade da entrada em vigor da taxação das impor-

tações no dia 2.

"Traz piora na perspectiva de crescimento econômico e, com isso, um movimento generalizado de queda de taxa de juros no mundo", explica Carlos Eduardo de Mello Paiva, estrategista-chefe da Constância Investimentos.

Trump afirmou ontem que não serão apenas 10 ou 15 nações que serão atingidas pelas tarifas recíprocas, mas sim "todos os países".